

IRENE BOEMER: UMA MULHER EM ITAJAÍ QUE ALCANÇA O ESPAÇO PÚBLICO EM TEMPOS DE GUERRA.

Tudo o que eu queria na vida o consegui, hoje sou uma mulher realizada. (Irene de Souza Boemer).

Gloria Alejandra Guarnizo Luna¹.

O cotidiano da cidade de Itajaí na década de 1940 respirava tempos de guerra. Este cenário pode ser visualizado em parte através das memórias de Irene Boemer, locutora da *Rádio Difusora*, empresa pioneira na cidade, fundada em 1942. Nascida em Itajaí em outubro de 1924, Irene Boemer desempenhou sua atividade profissional durante meio século (1947 – 1997) em um campo que até hoje é exercido quase que exclusivamente por homens. E por ser ainda uma época conservadora nos papéis ditos femininos desempenhados em meio público, alcançou o sucesso e o reconhecimento dos ouvintes da *Rádio Difusora* de Itajaí.

A década de 1940 se inicia e junto com ela a modernidade chegava a Itajaí, criando elites² comerciais que sustentavam o sonho de uma parcela da população da cidade, baseado no consumo de produtos como os eletrodomésticos que apareciam no mercado. Com a procura pela modernidade, chega a rádio na cidade, fruto do sonho das elites locais que passa através dela a provocar mudanças nos padrões sociais. A modernidade sem dúvida conduz à criação de algo real, mas também a conservação de locais e práticas sociais. Neste contexto segundo Berman, ser moderno é *ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador*³.

Neste tempo, anos 1940, a Rádio já fazia parte do cotidiano das pessoas de muitos centros urbanos brasileiros⁴, e em Itajaí se realizavam ensaios para o início da

radiodifusão. O dizer de Oliveira Junior, um dos fundadores da Rádio Difusora, procura narrar como esta novidade aparece para o público de Itajaí.

E a rádio surgiu como uma curiosidade, foi adaptado um pequeno aparelho que conectei a aparelhagem do cinema, onde se aproveitavam as músicas do filme e antes das seções jogava a música no ar⁵.

Neste tempo de início da rádio em Itajaí, surge Irene Boemer, transgredindo de certa forma o modelo de educação pré-estabelecido – mulher para a casa, espaço privado e vai *ousar falar no alto falante*⁶, como ela mesma diz. Assim falar sobre sua vida, é falar também sobre a cidade de Itajaí, já que suas memórias se misturam a história da cidade, e esta memória como nos lembra Raphael Samuel, tem estampadas às *paixões dominantes em seu tempo*⁷. Cada vida pode ser vista como sendo, ao mesmo tempo, singular e universal, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo social, síntese da tensão entre liberdade individual e o condicionamento dos contextos estruturais⁸.

Estava-se vivendo a Segunda Guerra Mundial⁹ (1939 – 1945), época na qual Itajaí, embora ainda pequena em comparação a sua atual configuração urbana, tomou parte no movimento, enviando soldados para os campos de batalha e assinando bônus de guerra para financiar o envio de tropas à Itália, alterando o dia a dia da cidade e de sua população¹⁰. Neste cenário de guerra e também da criação do Estado Novo, é que esta narrativa se desenvolve, tendo como fio condutor às memórias de nossa personagem.

Irene lembra que as mulheres da sociedade itajaiense saíam a passear pela cidade com militares de alto escalão, ou até com soldados rasos que eram de famílias ricas ou influentes. Estas moças não eram bem vistas, ainda mais se fossem de famílias pobres. Irene manteve-se à margem desta situação, pois sentia medo e não queria ser comentada em Itajaí. O que valia para que uma moça de sociedade saísse com um militar tinha a ver muitas vezes com seu poder aquisitivo. Segundo ela: *Não tem aqueles carros*

conversíveis? Os tenentes que tinham esses carros, elas ficavam loucas... se for soldado raso, elas nem olhavam, mas se ele tivesse dinheiro daí elas namoravam.

Destes relacionamentos entre militares e moças de Itajaí, os quais foram referidos anonimamente por Irene, pode-se cogitar que muitos namoros e alguns casamentos tenham acontecido. Isto sugere ver que o tempo de guerra, além de ser um palco de disputas, medos, conflitos políticos e sociais, era também um momento em que a cidade se encontrava movimentada no sentido de fluxo de pessoas que iam e chegavam a Itajaí.

O namoro com militares de alguma maneira tendia a quebrar os conceitos de uma sociedade dita conservadora, que via os papéis femininos como algo que devia ser exercido no privado, não no público. A vida amorosa das mulheres não poderia estar fora de controle. Os comentários a respeito dos papéis femininos se discutiam dentro de casa, para evitar que as moças fossem mal faladas pela sociedade. Este fator indicava se esta ou aquela menina era de família e a outra não, ou seja, se poderiam ou não ser uma “moça para um bom partido”¹¹, como percebe Marlene de Fáveri.

Deste tempo a personagem rememora, que da janela de sua casa, quando morava na rua Lauro Muller, viu como um senhor de descendência germânica, foi humilhado por policiais brasileiros. Este senhor a qual ela não refere o nome, era dono de um hotel da cidade, e teve que caminhar até a delegacia de polícia com o rádio nas costas, como era costume punir os alemães, italianos e seus descendentes no tempo da Segunda Guerra Mundial. Sobre este episódio Irene pontuou:

Não posso me lembrar, aquele homem nunca falou mal dos brasileiros! Sempre se dava bem com os brasileiros, nunca falava que a Alemanha era melhor. Ele era um itajaiense!... apenas ele ligava o rádio à noite de vez em quando, assim como nós gostamos de saber as coisas...

Durante o Estado Novo de Vargas após o Brasil ter entrado definitivamente na Segunda Guerra, em 1942, Itajaí passa a conviver com duas repercussões deste conflito: o medo da invasão nazista na cidade e a perseguição e humilhação de alemães e suas famílias que ali habitavam. O fato apontado por Irene anteriormente, onde a polícia recolhia, ou melhor, comandava o recolhimento dos rádios de moradores de ascendência germânica, mostra uma prática para evitar com que eles ouvissem programas de rádios européias ou nacionais que noticiavam a Guerra. Cabe lembrar que isto ocorria porque o governo Vargas tinha sob controle, através do DIP, a imprensa brasileira, difundindo que os alemães eram os inimigos e a grande ameaça do mundo, e que os americanos (leia-se estadunidenses) iriam curar este mal.

Essa perseguição vinha ao encontro de todo um imaginário construído de que todos os alemães e italianos fossem “quinta colunas”, ou seja, traidores da pátria. É claro que existiam alguns partidários ao nazismo, porém a repressão não poupou quase ninguém, era março de 1942, quando um Capitão do Exército ouviu crianças falando alemão, e prendeu os pais, notícia que foi anunciada na primeira página do *Jornal do Povo*¹². Esta é uma das fontes que retratam cenas do cotidiano da Guerra em Itajaí, e estas e outras viviam em todo o Estado de Santa Catarina¹³.

A própria Difusora nasceu neste contexto de tensões étnicas e de repressão. *Nós éramos controlados pelo batalhão, servíamos de elo de ligação entre o público e o comandante do batalhão, foi o que permitiu o registro da emissora na época (em 1947),* recorda Oliveira Junior¹⁴. Seriam mesmo? Sabemos que a imprensa é formada de opiniões, e está a serviço de grupos e interessados que querem reforçar suas idéias e emitir seus conceitos como verdadeiros¹⁵.

Segundo Silvia Pinto, a forma com que as notícias eram transmitidas ao público, apontando um inimigo comum, contribuiria para a união da nação brasileira em torno de um único objetivo¹⁶.

Alemão não presta mais, até então prestava, rememora Irene quando se referiu às famílias que saíram de Itajaí, e continua dizendo que *muitas saíram sim. Eu vi a perseguição!* Vale lembrar que Itajaí se mostrava uma cidade com algumas características teuto-brasileiras, onde algumas famílias, como os Konder e Bornhausen circulavam na esfera política, bem como comerciantes importantes da época, como a família Malburg e Heusi. Nem todos os alemães e/ou seus descendentes sofreram perseguições, o que indica o valor do status social que esta família tivesse e a influência da mesma no cenário político e econômico na cidade.

Irene não veio de uma família influente, pelo contrário, passaram necessidades e desde cedo teve que trabalhar para ajudar nos gastos de casa, assim como aprender a costurar e fazer suas próprias roupas. Isto permitiu que posteriormente costurasse seus vestidos quando começou a trabalhar como radialista, pois como mulher que atuava em um meio público e que participava de eventos sociais, tinha que manter uma variedade de vestidos que permitissem com que ela pudesse estar dentro do círculo das elites.

Antes de atuar como radialista, ela trabalhou como telefonista, tempo que ela referiu como complicado em Itajaí, pois o Brasil estava participando na Guerra. No seu trabalho tinha que ter certos cuidados, para que não houvesse desconfiança de que ela poderia estar falando sobre as conversações daqueles que iam para telefonar, já que muitas informações eram consideradas como confidenciais. Isto foi em 1942, quando ela sai de casa para trabalhar.

Deste tempo, lembrou que as outras moças que trabalhavam junto com ela, falavam com os militares que estavam na cidade ou que ligavam de outras cidades. *Telefonista não podia namorar por telefone*, lembra Irene, já que se o diretor soubesse de algo deste tipo, poderia despedi-las. Ela evitava falar com os militares que achegavam até ali, por medo de criar vínculos com eles ou ser comentada na cidade. Lembra que *tinha medo de soldado de guerra! Não queria ficar mal vista pelos outros*. Em Itajaí, durante a

Guerra, aquartelaram-se soldados para vigiar o Porto e reprimir quem não falasse o português, e se havia moças para namorar, outras, como Irene, preferia se preservar dos possíveis falatórios.

Interessante notar que se por um lado Irene Boemer quebrou algumas regras sociais no que diz respeito a condição da mulher para o trabalho doméstico, e ousou trabalhar em ambientes considerados “não apropriados” para mulheres, por outro lado, ela mantinha sua postura de mulher comportada, cuidando de sua imagem no meio no qual circulava. Ainda, falar sobre Itajaí através de suas memórias possibilita perceber que cada sujeito singulariza em seus atos a universalidade de uma estrutura social, e mostra que é possível *ler uma sociedade através de uma biografia*¹⁷

Irene entra na *Rádio Difusora* em Itajaí em 1947, portanto quando a Segunda Guerra já tinha acabado, mas que as repercussões ainda se sentiam na cidade. Não se podiam fazer comentários sobre o que havia acontecido nesse momento de conflitos. O silêncio tinha que prevalecer, não se podia fazer comentários sobre as repercussões da Guerra e ainda se mantinha a cautela nas falas e nas colocações que eram feitas em público. Este silêncio também prevaleceu na *Rádio Difusora* e Irene lembra que os programas se dirigiam ao público em geral, chamando a atenção para o comércio local, viagens, rádio novelas, eventos na cidade e região, não focalizando questões políticas que pudessem ter repercussão local.

Dentre os programas que Irene realizou, o de maior repercussão foi o *Suplemento Feminino* que era transmitido no horário matutino, abordando, como o próprio nome sugere, assuntos voltados para o público feminino. Falava neste programa sobre elaboração de receitas de cozinha e de beleza, referia-se às maneiras de se comportar em ambientes públicos, sobre como agradar a família com o paladar, falava sobre suas viagens pelo mundo e outros temas de interesse geral, mostrando como era direcionada a educação para mulheres na época.

Este artigo retrata passagens cotidianas de Itajaí através da memória de Irene Boemer, em tempos de conflitos provocados pela Segunda Guerra Mundial. Permite perceber normas de vigilância, maneiras de ser e de se comportar em determinados locais, desenhando uma mulher que desafiou algumas regras sociais impostas naquele momento, sem deixar de ser conservadora, acreditando sempre nos valores nos quais foi educada.

Ela viveu respirando a paixão pela rádio, suas lembranças se misturam a história da radiodifusão em Itajaí e a história da cidade, abrindo novos leques que nos mostram que uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história permite compreender determinadas formas de viver, comportamentos e idéias de um outro tempo. A nossa personagem ensina que a experiência e a memória são fios da mesma teia.

¹ Mestre em história pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da EJA – Univali e pesquisadora.

² A palavra elite designa “os melhores” (optmi) nas relações entre dominantes e dominados. A época das luzes rejeitou e discriminou os “não bem nascidos”, na passagem da nobreza hereditária para uma elite dominante fundada na fortuna, portanto na propriedade da terra. Nas sociedades atuais o termo elite continua a indicar a idéia de domínio, portanto e ela a quem têm poder. Ver: BURGUIÉRE, André. **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

³ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1986. p.13. Cabe ressaltar que a palavra modernidade vem sendo utilizada em vários momentos históricos ao longo dos séculos XIX e XX. A modernidade trás e busca sempre algo novo. Ser moderno de alguma forma indica determinados elementos que podem caracterizar diferentes momentos e lugares históricos, também viver num mundo de paradoxos e contradições.

⁴ ORTRIWANO, G. S. **A informação no Rádio** – Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

⁵ OLIVEIRA JUNIOR, Adolfo de. Entrevista concedida a Walter Gonçalves. Itajaí, 08 de outubro de 1998.

⁶ Entrevista concedida por Irene Irene de Souza Boemer em 8 de outubro de 2000. Suas falas remetem-se as entrevistas realizadas nesta data e nas seguintes: 23 de junho de 1994, 14 de novembro de 1998, 16 de maio de 2001.

⁷ SAMUEL, Raphael. História local e história oral. In: **Revisita Brasileira de História**, v.9, nº 19. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, set. 1989/fevereiro 1990.

⁸ GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

⁹ A Segunda Guerra Mundial iniciou-se em 1939, e terminou em maio de 1945. Em 1942, no mês de agosto, o Brasil declarou guerra aos países do Eixo – Alemanha, Itália e Japão, ficando ao lado dos Estados Unidos.

¹⁰ Sobre este assunto ver SILVA-PINTO, Araci Medeiros. O Cotidiano da Guerra em Itajaí. **Anuário de Itajaí – 2000**. Fundação Genésio Miranda Lins: Itajaí, 2000.

¹¹ FÁVERI, Marlene. **Moças e Moços para um bom partido**: Itajaí, a construção das elites (1929 – 1960) (2ª edição). Itajaí: Editora da Univali, 1999.

¹² **Jornal do Povo**. 01 de março de 1942.

¹³ Sobre o assunto ler: FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra**. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed da UFSC, 2004.

¹⁴ OLIVEIRA JUNIOR, Adolfo de. *Op cit.*

¹⁵ PEDRO, Joana Maria. **Nas tramas entre o público e o privado**. Florianópolis: ed da UFSC, 1995.

¹⁶ SILVA-PINTO, Araci Medeiros da. **Cenas do cotidiano da Guerra em Itajaí (1939-1945)**. Itajaí, 2000. Monografia de conclusão do curso de História. Centro de Educação Superior de Ciências Humanas e da Comunicação, Univali.

¹⁷ NORMAN, K. Denzin. “Interpretando as vidas de pessoas comuns: Sarte, Heidegger e Faulkner” em **Dados-Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v.27, nº 1, 1984. p.30.